

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

## 96. FIGURAS DA INDEPENDÊNCIA

O transcurso do centenário da Independência, em 1922, propiciou ao grande historiador Afonso de Taunay a elaboração de importante obra de cunho didático e de divulgação, apresentando as biografias dos “Grandes Vultos da Independência Brasileira” (era este, aliás, seu título), editada pela antiga Companhia Melhoramentos de São Paulo (atualmente Edições Melhoramentos). Impressa em formato especial, verdadeiro primor gráfico para os padrões da época, ilustrada com retratos dos biografados, a obra apresentava, pela ordem, as biografias de D. Pedro I, José Bonifácio, Dona Leopoldina, Gonçalves Ledo, Antônio Carlos, Martim Francisco, José Joaquim da Rocha, Frei Sampaio, Januário da Cunha Barbosa, Clemente Pereira, Souza Coutinho, Muniz Barreto, Xavier Curado, Hipólito da Costa, Feijó, Lino Coutinho, Paula Souza, os marqueses de Valença, Maricá, Queluz e Barbacena, Lorde Cochrane, Joana Angélica, os viscondes de Magé, Pirajá e Cairu, Maria Quitéria, Pereira Rebouças e Pedro Labatut.

O livro de Taunay nunca foi reeditado. No entanto, quão útil seria hoje em nossas escolas para a recordação dos que participaram de nossa emancipação política, na maior parte completamente ignorados das novas gerações. Livros especializados sobre a Independência, temo-los às dúzias. Mas nada temos que possa ser lido e entendido pelo povo ou mesmo por aqueles que se não dediquem especialmente aos estudos históricos.

Todos os nomes incluídos por Taunay em sua preciosa galeria são nomes de vias públicas numa ou noutra cidade e alguns deles provavelmente em todas, como José Bonifácio, por exemplo. Na nomenclatura campineira figuram D. Pedro I, Dona Leopoldina, José Bonifácio, Antônio Carlos, Martim Francisco, Januário da Cunha Barbosa, José Clemente Pereira, Hipólito da Costa, Paula Souza, Feijó, Joana Angélica, Maria Quitéria e talvez algum outro, pois não tenho

acompanhado, com a freqüência com que antes o fazia, as disposições denominadoras de nossas vias públicas.

Mas, fiquemos com os que foram arrolados. E surge a pergunta: a não ser certamente D. Pedro I, Dona Leopoldina, José Bonifácio e Feijó, quantos dos moradores das demais ruas sabem que seus nomes designam vultos ligados à nossa Independência? Insisto em velha tecla: a nomenclatura de ruas não deve ter apenas caráter utilitário, de servir de endereço; ao lado dele e, naturalmente sem prejuízo dele, deve ter também um caráter cultural, do qual devem se enfronhar todos os moradores da cidade. Haverá alguém que não considere significativo saber quem foi o patrono de sua rua? Esta é uma das modalidades da educação urbana, que tanto falta ao nosso povo. ( 7-9-1983. )

\*

### 97. A CADEIRA NÚMERO DOIS DA "CAMPINENSE"

Tendo como primeiro titular Monsenhor Emílio José Salim, que vinculou seu nome à história da educação no Brasil por ter sido o fundador da primeira universidade localizada no interior do País, o saudoso sacerdote escolheu como seu patrono o primeiro bispo de Campinas, D. João Nery, a quem coube, aliás, a gloriosa tarefa de instalar três dioceses: a de Vitória, no Espírito Santo; a de Pouso Alegre, no Sul de Minas e, finalmente, a de sua terra natal, Campinas.

Com o falecimento de Monsenhor Salim, passou a cadeira a ser ocupada por Dante Alighieri Vita, educador e poeta que, nos seus últimos anos de vida, passou a residir em Campinas, onde veio a falecer, quando tanto ainda se esperava de sua atividade docente e literária. Tal como Dante Alighieri Vita, o seu sucessor pouco permaneceu na Academia. Foi ele Francelino de Souza Araújo, homem de empresa e de jornal, que vinculou ao nome o apelido advindo de seu Estado natal, o Piauí. E por Piauí todo mundo o conhecia e ele próprio, na sua produção literária e jornalística, assinava F. S. Piauí.

Na noite de 19 de setembro passado, a Academia Campinense abriu suas portas para, em sessão solene, receber o novo titular da Cadeira nº 2, o Professor Rogério César de Cerqueira Leite, cabendo ao autor desta nota a honra de proferir o discurso de saudação ao novo acadêmico. Cerqueira Leite é paulista de Santo Anastácio. Realizou sua formação científica em São José dos Campos e em Paris, por cuja Universidade se doutorou, em 1962. Tem, em seu currículo, mais de setenta trabalhos sobre a sua especialidade ( a Física ), quase todos dados à estampa em conceituadas revistas científicas da Europa e dos Estados Unidos. Longe de ser um cientista encastelado em torre de marfim, tem-se dedicado com igual afinco a problemas de natureza histórica, econômica, sociológica, política, enfim humana em geral, com um humanismo fundamentado em

sólida cultura, inclusive no campo da música. Como foi dito no discurso de recepção, é realmente de admirar-se que, ocupando cargo da mais alta responsabilidade - qual o de presidente da Companhia Paulista de Força e Luz, função que o deve observar da manhã à noite, ainda encontre tempo para ouvir, analisar e comentar, por exemplo, as óperas de Vivaldi ou os concertos e sonatas de Brahms...

Feliz o destino da Cadeira nº 2, bafejada pela Igreja, pela Educação, pela Poesia, pelo Jornalismo e agora pela Ciência. Que o novo acadêmico possa ocupá-la por bem mais tempo do que o fizeram seus ilustres antecessores. ( 5-10-1983. )

\*

## 98. GRANDE CAMPINEIRO QUE DESAPARECE

Na última vez em que tive o privilégio de estar com mestre Ataliba Nogueira, recebi dele extremada demonstração de cortesia e afeto. Pouco antes, havia ele lido pequeno artigo que eu publicara neste jornal sobre a **Imitação de Cristo** e, sensibilizado pelo meu interesse em torno da grande obra de Tomás de Kempis, ofereceu-me régio presente: um exemplar de uma das mais raras e valiosas edições do grande livro: a de Petrus Eduardus Puyol, publicada em Paris pela casa Retaux-Bray, em 1886, datando, portanto, de quase um século. Tanto quanto a dádiva, comoveu-me a dedicatória que após ao livro, com a letrinha trêmula, decorrente do grave estado de saúde em que se encontrava.

Enquanto, no seu acolhedor apartamento de Santa Cecília, conversávamos sobre o maior livro de devoção religiosa já escrito, não pude evitar que meu espírito caminhasse no tempo e recuasse a quase meio século, numa sessão do Instituto Histórico em que o ouvi proferindo conferência sobre o padre Francisco João de Azevedo, o indigitado inventor brasileiro da máquina de escrever. Ataliba Nogueira havia publicado um livro sobre o sacerdote paraibano, reivindicando seus direitos à prioridade do invento.

Deste quase meio século da primeira à última vez em que o vi, indelévels recordações me ficaram. Embora sem um relacionamento mais chegado, foram muitos os momentos em que nos encontramos: reuniões do Instituto Histórico, congressos de que participamos, uma banca de doutoramento em que tive a honra de ser seu companheiro, conferências suas que tive o privilégio de ouvir, conferências minhas a que ele deu-me a honra de comparecer e, por fim, algumas cartas trocadas por ocasião da publicação de seu livro revisionista sobre Antônio Conselheiro.

Embora sua atividade maior fosse a ciência jurídica, perlustrou também a seara da história, enriquecendo a bibliografia brasileira com excelentes trabalhos que vão desde **Um inventor brasileiro** até **Antonio Conselheiro e Canudos**, praticamente seu “canto do cisne”, obra que elaborou com o

maior critério e espírito de pesquisa, revelando-nos um “Conselheiro” diferente daquele a que nos habituáramos. E de sua participação na vida política e na administração? quanto haveria a dizer e que outros mais capazes certamente o dirão!

Foi este campineiro sem jaça, da mais nobre estirpe, mestre do Direito, acadêmico dos mais ilustres e de ilibada reputação, que veio a falecer a 22 de outubro p. passado, privando São Paulo e o Brasil de uma das suas figuras exponenciais. A Faculdade em que lecionou e a Academia que ilustrou certamente honrarão sua memória de maneira a deixar saliente toda a grandeza de sua personalidade. ( 30-11-1983. )

\*

## 99. UM MESTRE DA BIBLIOGRAFIA

Em mais de uma ocasião tive oportunidade de afirmar que, se em cada Estado do Brasil houvesse alguém que se dispusesse a fazer o que Abeillard Barreto fez com o Rio Grande do Sul, seria imensamente facilitada a pesquisa histórica em nosso País. Só quem conhece a **Bibliografia Sul-Rio-Grandense**, constituída de dois alentados volumes totalizando mais de mil e quinhentas páginas, registrando e comentando por mais de dois mil títulos — e ainda restringindo-se a portugueses e estrangeiros que escreveram sobre o seu Estado — pode avaliar o que representa essa portentosa obra, modelo de pesquisa bibliográfica pelo critério com que foi elaborada, pela precisão na indicação das fontes, pela preocupação sempre demonstrada de facilitar o leitor, enfim com tudo aquilo que enriquece uma bibliografia, mas que é tão pouco freqüente em trabalhos dessa natureza no Brasil.

Há pouco mais de um mês, faleceu no Rio de Janeiro, onde viveu seus últimos anos, o grande mestre da bibliografia rio-grandense, que, por um sentimento de gratidão e de reconhecimento, evoco nestas linhas. Não tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, mas, não só tenho feito de sua obra preciosa ferramenta de trabalho, como tive oportunidade de, com ele, trocar diversas cartas e dele receber algumas ofertas preciosas de peças raras da bibliografia gaúcha.

A evocação de seu nome faz-me associar dois outros grandes empreendimentos a que Abeillard Barreto consagrou-se denodadamente: a Biblioteca Pública da cidade do Rio Grande ( aliás sua cidade natal ), uma das mais ricas do Brasil, superada apenas pela Nacional, do Rio de Janeiro, pois não sei de nenhuma outra, quer no Rio de Janeiro, quer em São Paulo, que se lhe compare. Biblioteca que mestre Abeillard considerava a “menina” de seus olhos, reerguendo-a a restaurando-a num momento de crise por que passou a Instituição. E, em segundo lugar, mas igualmente associada à Biblioteca Rio-Grandense, a publicação do “Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos”, preciosa publicação de que apenas

três números puderam sair, em 1939, 1940 e 1941, interrompendo-se em virtude do encarecimento da impressão causado pela guerra, segundo informa a Professora Helga Piccolo, em seu pequeno mas valioso artigo sobre "A História em publicações Sul-Riograndenses".

Num dos números desse "Boletim" encontra-se a publicação integral de um dos mais valiosos e raros escritos de mercenários da campanha contra Rosas: **A Índole da Legião Alemã de 1851 a serviço do Império do Brasil**, seguido de **Notícias e indicações para emigrantes que se destinem ao Rio Grande do Sul**, publicado na Alemanha em 1853, sem indicação de autor, mas presumivelmente atribuído ao Major von Lemmers-Danforth. Só a divulgação deste trabalho compensou a publicação, infelizmente sem prosseguimento, do hoje raríssimo "Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos" ( 7-12-1983. )

\*

\* \* \*